

GOIÂNIA, 17 A 23 DE JANEIRO DE 1999

WILSON SIMONAL

# O dedo da vergonha

*Dedo-duro nos tempos da ditadura, Wilson Simonal, escorado em setores do movimento negro, tenta falsificar sua própria história*

JARBAS SILVA MARQUES

**A**o ler o *Caderno Dois* da edição do dia 6 de janeiro do *Correio Braziliense*, na qual o cantor Wilson Simonal quer uma certidão do governo federal que afirme que ele não foi informante da ditadura civil-militar de 1964 no meio artístico brasileiro, sinto-me novamente obrigado a desmenti-lo e a oferecer fatos para os leitores julgarem à luz da imparcialidade.

Na época em que o embaixador Moscardo era ministro da Cultura do governo Sarney, o senhor Wilson Simonal tentou, por intermédio da assessoria dos movimentos negros, uma "reabilitação", dizendo que fora perseguido com a pecha de "delator e informante" por ser um "artista negro", dando a entender que sofrera uma orquestração racista no meio artístico. Enviei uma correspondência ao Ministério da Cultura e por dez anos essa manobra foi abortada. Agora o senhor Simonal retomou a farsa através de um tal Instituto Nacional Afro-Brasileiro (Inabra). No dia da comemoração do Dia da Consciência Negra, pediram ao secretário nacional dos Direitos Humanos, José Gregori, a reabilitação documental do "negro injustiçado".

De pronto, respondi em entrevista à imprensa sobre a velha manobra e agora, ao ler a entrevista no *Correio*, cabe-me repor algumas verdades desconhecidas dos redatores da matéria e de muitos leitores.

Na apresentação da matéria, os redatores fazem menção a Humberto Espínola, integrante do Conselho dos Direitos da Pessoa Humana, que diz: "Acontece que sem as peças do processo, cuja sentença é de condenação, não é possível concluir nada".

Esse seqüestro a que se refere Humberto Espínola é uma prova documental de que o cantor Wilson Simonal era delator e colaboracionista da ditadura no meio artístico brasileiro.

A história é a seguinte: Wilson Simonal pediu aos seus amigos da polícia no Rio de Janeiro que seqüestrassem o contador de sua empresa e lhe dessem um "corretivo". Os policiais serviam no Dops, no GOE e eram membros do Esquadrão da Morte e do Esquadrão de Ouro. Eles seqüestraram o contador, torturaram e fizeram com que ele assinasse cheques, promissórias e uma declaração em que confessava ter roubado Wilson Simonal. Depois de libertado, o contador denunciou o seqüestro, as torturas e os documentos que foi obrigado a assinar. A Justiça abriu processo e Wilson Simonal foi condenado. Sobre esse fato ele não foi perguntado na entrevista, o que, por si só, é uma evidência da sua intimidade com o aparato repressivo em plena ditadura Médici.

Agora vamos aos fatos que dou testemunho.

Agora vamos aos fatos que dou testemunho.

**SARJA E SUICÍDIO** — Em 1969, depois de sofrer cinco meses de tortura no Quartel da Polícia do Exército, no Rio de Janeiro, ocasião em que fui torturado pelo hoje general de brigada Ricardo Agnese Fayad, fui transferido para o Forte Copacabana e em fevereiro de 1970 para o Quartel do 8º GACosM, no bairro do Leblon, no Rio de Janeiro. Fiquei inicialmente

**O cantor Wilson Simonal e o jogador de futebol Fio Maravilha treinavam Caratê com militares torturadores**

preso com mais dois companheiros numa cela incomunicável nos fundos do Corpo da Guarda. De lá fomos retirados para um xadrez, a fim de que o capitão Altair Luchesi (colega de Academia Militar do capitão Carlos Lamarca) ficasse completamente isolado.

O xadrez onde fui colocado rompia o isolamento político e pessoal em razão de existirem outras celas com militares presos.

O quartel do 8º Grupo de Artilharia de Costa Mecanizada — 8º GACosM — era um antro de tortura e, além de fazer a segurança do general Sizen Sarmento, comandante do I Exército, tinha estúdios de televisão para gravar os depoimentos de "terroristas arrependidos".

No mês de março de 1970 o então jogador de futebol do Flamengo Fio — o Fio Maravilha da música de Jorge Ben — e o cantor Wilson Simonal pararam em frente do grupo de celas, e alguns dos militares presos pediram-lhe cigarros, Simonal ficou parado e o jogador Fio chegou até as grandes e conversou com eles, prometendo que outro dia traria cigarros para eles. Em seguida os

dois foram para o ginásio do quartel treinarem caratê com o 1º Tenente Cordeiro e o 2º sargento Leite. Na mesma semana o jogador Fio, que hoje é entregador de Pizza em Nova York, cumpriu a promessa e trouxe cigarros. A fala conosco, presos políticos, era proibida.

Simonal era chamado de "sarja" — uma gíria militar elogiada, ele fora cabo-estafeta na

Artilharia de Costa — e, junto com Fio Maravilha, treinava no mínimo duas vezes por semana com os dois torturadores de presos políticos e de militares, o tenente Cordeiro e o sargento Leite.

Nessa época fui transferido para uma cela de 1,20m por 1,80m, e o xadrez em que eu estava foi ocupado pelos jornalistas João Arnolfo e Alan Pimentel e um sociólogo que foram gravar seus depoimentos de "terroristas arrependidos".

Esses fatos têm outras testemunhas, mas não recebi a autorização para citar seus nomes. Mais ou menos em julho de 1970, soldados do quartel foram presos por fumarem maconha e passaram a ser torturados pelo tenente Cordeiro e o sargento Leite, eles disseram que fumavam maconha por não agüentarem ouvir, das guaritas onde tiravam serviço, os gritos dos torturados.

A comprovação do que afirmo pode ser feita ao se pesquisar os jornais da época. A pesquisa vai confirmar o suicídio de um soldado no 8º GACosM. Ele explodiu a cabeça com um tiro de mosquetão na guarita mais próxima das salas de tortura.

Acho que esses fatos, por si sós, são o testemunho da intimidade do senhor Wilson Simonal com o aparelho repressivo.

Quanto à categoria que ele pertence: colaboracionista ou delator, quem poderia responder é a multinacional Shell, que rompeu à época os contratos comerciais e publicitários com ele.

Na própria entrevista, Simonal define sua linha de pensamento: "A delação é um negócio, um negócio para você ganhar a liberdade...".

JARBAS SILVA MARQUES é jornalista.